

## APORTUGUESAMENTO DE ALGUNS NOMES GREGOS NO DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DO PROF. ANTENOR NASCENTES.

---

Tôda e qualquer referência elogiosa que se fizer ao *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (II) do ilustre prof. Antenor Nascentes será mínima diante de trabalho tão extenso e supremamente fatigante, como são, aliás, todos os dêste mesmo gênero. Só inesgotável paciência, aliada a um espírito de grande sacrifício, culmina em obras de tão relevante importância para um país e para uma ciência. Obras como esta aparecem a cada longo espaço de tempo. Vê-se que o grande professor não esmoreceu nos quase vinte anos que decorreram entre a publicação do primeiro e segundo volumes. Muito ao contrário, saiu-lhe êste Dicionário superior àquêle sobretudo no volume das pesquisas. Permita-nos, pois, o abalizado mestre cumprimentá-lo da maneira mais simples por que se possa fazer ante o significado de portentosa obra: os nossos modestos parabens.

Na longa elaboração de tão árduo trabalho — embora traduzindo na aparência simples compilação — é claro, é mais do que evidente o encontrarem-se algumas falhas que, em confronto com a vastidão da obra, talvez nada representassem. Mas a filologia procura ser, com suas leis, severa e exata. Não fôsse interpretar assim esta ciência e não teríamos traçado as presentes notas, mesmo porque, se algum valor tiverem, é de aumentar o prestígio da obra que de si tudo dispensa.

Não fizemos leitura sistemática do Dicionário simplesmente porque até agora nos faltou tempo e vagar para tanto. Fomos colhendo aqui e ali pequenas falhas, incoerências e, uma ou outra vez, questões que deveriam ter sido mais bem cuidadas no seu registro por coincidirem com o malbarato da língua pelos menos patriotas ou menos avisados. Por aquêles enfim que fazem da língua portuguesa o trapo costumeiro.

Não temos conhecimento de “notas à margem” do referido Dicionário, exceção feita daquelas que o ilustre prof. Silveira Bueno publicou recentemente no primeiro número do *Jornal de Filologia*. Se outros ainda nos antecederam, tanto melhor. Desejávamos dar modesta impressão do trabalho. Êste foi o nosso objetivo. Outros o farão melhor.

1. — Se os nomes comuns da primeira declinação grega, ao passarem para o português, através do latim, têm regras fixas para sua terminação, o mesmo não ocorre com os nomes próprios. Assim dão a em português: os nomes comuns femininos terminados em  $-\alpha$  e  $-\eta$ ; os masculinos em  $-\alpha\varsigma$  e  $-\eta\varsigma$ . Esta é a regra geral, o que significa existência de exceções ou casos que se discutem. Para os nomes próprios, porém, serve-nos de base ora o grego, ora o latim, ora ambos. O Dicionário registra, por exemplo, e bem, os seguintes nomes com a terminação *a*: *Andrômeda*, *Ismena* (1), *Alcmena*, *Helena* (2), *Polixena*, *Eufrosina*, *Taprobana* (parox.). Terminam em  $-\eta$  no grego, passa a *a* em latim e então a *a* em português. Por outro lado, temos: *Afrodite* (Saraiva, *Afrodita*, cf. *Dic.*), *Aganipe*, *Ónfale*, *Erigone* (proparox. embora sem acento no *Dic.*), *Antígone*, etc., quer dizer, vieram diretamente do grego, ou passaram pelo latim que lhes deixou intacta a terminação. Chegamos ao ponto desejado. A êste último, entretanto, o uso já consagrou, em português, a terminação *a*: *Antígona*. E sendo assim, pensamos que o Dicionário devesse registrá-lo com *a* e não com *e*. Quando mais não fôsse, o próprio Saraiva assim já o apor-tuguesara. E não se diga que o sr. prof. Nascentes não cuidasse do uso para registrar desta ou daquela maneira. No vb. *Damon*, por exemplo, diz: “Em rigor, devia ser paroxítono, como exigem a prosódia grega e a latina e como está no *Vocabulário* de 1940, mas o nome do amigo de Pitias já se acha muito vulgarizado com acentuação oxítone, difícil de mudar hoje”. Cremos que bem menos vulgarizado do que *Antígona*. Talvez o sr. prof. Nascentes preferisse aqui o igual registro feito por Mário Barreto [*Novos Estudos* (3), p. 29] e Mansur Guérios [*Dic. Etim.* (4)] onde, no vb. *Antígone* diz: “outra forma: *Antígona*”. Pensamos que o sr. Mansur Guérios bem poderia inverter a ordem do ensino. Registrar *Antígona* (que alguns lêem com acento na penúltima sílaba), onde só se ouve *Antígona*, rescende a francesismo. O mesmo seria registrar *Esparte* (correto mas totalmente desusado) por *Esparta*, idêntico, quanto à terminação, àquêlê antrôponimo.

2. — No vb. *Efigênia* há o seguinte: “. . . Esta (*Efigênia*) é a forma viva no Brasil, onde a inicial de *Ifigênia* soa como *e*.” No vb. *Ifigênia* lê-se: “. . . além disso dissimilou para *Efigênia* o

- 
- (1). — Muito estranhamente e baseado não sabemos em que, Leite de Vasconcellos (*Op.* III, p. 249) nega correção vernácula a *Ismena*, dizendo só *Ismênia* do grego *Ismenia*) ter guarida em português. Para tal afirmação, que achamos gratuita, o erudito filólogo, certo, não se deu ao trabalho de ler, pelo menos, o primeiro verso da tragédia *Antígona*, de Sófocles, a fim de constatar aí a forma *Ismene*, origem da do português. A nós nos parece mesmo, que havendo em grego *Ismene* e *Ismenia* (ambas vigentes corretamente em nossa língua), a segunda deve sua formação à primeira.
- (2). — Diz o sr. prof. Nascentes que o acento desta palavra (que de acôrdo com o latim deveria ser proparoxítone) foi mudado por analogia, mas, analogia com que não o diz. A simples citação da palavra entre as quais aqui se encontra, parece explicar o fato.
- (3). — *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1911.
- (4). — *Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes*, Curitiba, 1949.

nome”. Fica-se, na verdade, sem saber qual a grafia da palavra que o sr. prof. Nascentes deseja tornar patente: se com *e* ou *i* inicial. No primeiro caso diz que o *i* soa como *e*, dando a entender que o certo é *Ifigênia*. No segundo, o *i* dissimilou-se para *e* dando a entender que se deve grafar *Etigênia*. Cremos que ambas as interpretações deixam a desejar. Etimologicamente deve haver uma só grafia e uma só pronúncia: *Ifigénia* (com *i* e paroxítone, isto é, acento na sílaba *ni* (5)). Concordamos, entretanto, e, plenamente, que “o uso acentua a sílaba *gê*.” A êste sacrificou-se a etimologia.

3. — Onde nos pareceu que nenhuma norma presidiu ao apor-tuguesamento dos nomes, foi no concernente aos que deveriam terminar no ditongo *ão*, tão caro a Carlos Góis. E o sr. prof. Nascentes facilmente poderia ter evitado a errônea heterogeneidade de terminações simplesmente em o adotando. Lamentamos que o ilustre dicionarista não tivesse dado maior atenção àquilo de que mais se necessitava. Parece haver, por parte de alguns, certa má sensibilidade auditiva em se dar a terminação *ão* a nomes que portuguesamente deviam recebê-la. A ela, prefere-se o intolerável *on* francês ou espanhol. E entre aquêles incluiu-se o sr. prof. Nascentes que, em obra como esta, tinha, aliada à sua autoridade filológica, total oportunidade para nos dar a forma gráfica correta dos vocábulos e possivelmente consagrá-los no uso, em alguns casos. Assim procedeu, e bem, com a palavra *Heraclito*, mostrando-a paroxítone, embora aqui o uso já tenha predominado, fazendo-a proparoxítone. Em outros casos, porém, ainda seria tempo... mas o *Dicionário* só veio contribuir em parte.

Para maior clareza, dividimos êsses nomes de acôrdo com suas terminações de nominativo e genitivo na língua grega. Assim temos: 1.º) os terminados em *-ôn*, *-ônos* (átomos); 2.º) *-ôn* *-ônos*, tônicos; 3.º) *-ôn*, *-ônos*; 4.º) *-ôn*, *-ôntos* e 5.º) *-ôn*, *-ôntos*.

Em todos êles há nomes registrados com diferente terminação: ora *on*, ora *ão*. Vamos por parte.

No primeiro grupo *-ôn*, *-ônos* encontram-se: *Deucalião*, *Ma-crão*, *Serapião*, *Tritão*, *Otão* (6), *Plutão*, *Platão*, *Estrabão*, *Estilicão* (7), mas *Maneton* (8), *Tráson*, *Fócion*, *Fáon*, *Trifon*, *Órion*,

(5). — O sufixo *-ia* proveniente do grego, pode ser comum em latim: breve ou longo. Aqui, porém, não é o caso porque, em grego, temos o ditongo final *ei* que se reduz a *i* (longo) no latim — nele permanecendo a acentuação — e, conseqüentemente, no português. De mesmo, não tem proveniência a forma proparoxítone de *Cirpédia* que, como o próprio sr. prof. Nascentes diz, vem do grego *Kyrou Paideia*. Esta é das palavras que ainda podem ter a prosódia corrigida. E nesse sentido o ilustre mestre poderia ter contribuído grandemente.

(6). — Lê-se neste vb.: “Saraiva dá uma forma grega *Óthon*, que justifica o *th* mas os léxicos gregos não dão tal forma.” O ilustre mestre certamente não consultou o *Dictionnaire Grec-Français* de A. Bailly, onde o nome está registrado.

(7). — Embora o sr. prof. Nascentes diga que êste nome venha do grego *Stelichon*, lat. *Stelichone*, não o encontramos nem em Liddel-Scott nem no referido Bailly. Caso inverso ao de *Óthon*.

(8). — Na transcrição do grego, êste nome tem no *Dicionário*, o acento deslocado. Deve estar na última sílaba, *Manethón* e não *Manéthon*.

*Eton* (9), *Rúbicon*, *Fédon*, *Sólon*, *Timon*, *Criton*, *Cimon*, etc. Pertencentes ao mesmo grupo, todos êstes nomes deviam estar registrados com o ditongo *ão*. Porque não o fêz, sòmente o sr. prof. Nascentes poderia explicar. Como está, é incoerência. E' curioso que em alguns casos, como *Cimon* e *Criton* diz o illustre dicionarista: "pelo lat. *Cimone*", "pelo lat. *Critone*." A única forma, então a ser transliterada para o português não seria a que propomos?

No segundo grupo *-ōn*, *-ōnos*, se observa a mesma falha. Encontramos: *Cólofon*, *Helicon*, *Sarpedon*, *Partenon*, *Posseidon* (10) *Córidon*, *Agatão*, etc. E por que não *Colofão*, *Helicão*, *Sarpedão*, etc.? Êste último, segundo alguns tratadistas, poderia ter outra terminação, *Sarpedone* (11). Não desejamos, porém, invocar discussões mas sugerir que, se qualquer dos nomes pudesse ter a terminação *ão*, esta devia ter preferência, por ser essencialmente vernácula e não contrariar proveniências.

No terceiro grupo *-ōn*, *-ōnos*, encontra-se ainda a confusão: *Hiperion*, *Agamenon*, *Filemon*, *Aristogiton*, *Anfião*, etc. Note-se que até o conhecido *Agamenão* se afrancesou. Nenhuma forma em *on* é portuguesa. Se, na pior das hipóteses, não se quisesse fazer terminar no ditongo *ão* uma palavra que a êle fizesse jus, pelo menos deveria haver um outro aportuguesamento para essa palavra. Outra forma para *Agamenão*, seria *Agamemno*, sem o *n* final, uma vez que êste, para os romanos, constituia puro grecismo. Cp. *Nero*, *Cícero*, *Naso*, *Maro*, etc. Assim para *Aristogito* (ou *Aristogítone*). Cândido de Figueiredo [*Vícios* (12), p. 250] já dissera: "O povo? O povo nunca vulgarizou vocábulos terminados em *on* atônico, não os há em português, terminando em *on* tônico: o *pateón*, o *orfeón* e outras coisas dêste gênero não são cá de casa".

Podemos incluir em um único os quarto e quinto grupos, como, aliás poderíamos tê-lo feito com os dois primeiros: *-ōn*, *-ntos* e *-ōn*, *ōntos* cuja dental é mero infixio. No quarto grupo temos *Drácon* erroneamente grafado por *Dracão* ou *Draconte*, êste de acôrdo com os do grupo seguinte, que estão bem: *Xenofonte*, *Creonte*, *Aqueronte*, *Anacreonte*, *Ctesifonte*, *Caronte*, etc.

Estão aí, pois, alguns dos nomes que mereciam o devido fóro vernáculo. Sem falar na acentuação que falta a alguns dêles. Ao encôntro de nossa opinião e, talvez, por mostrar certo titubeio, é que o sr. prof. Nascentes, em vários dêsses nomes, acrescenta: "Aportuguesaram para Rubicão, Solão, Elicão, Orião, Partenão, Fo-

- 
- (9). — Se, como muito bem diz o abalizado mestre, *Eton* não justifica *Etonte* nos poetas que cita, muito menos *Eton* se pode justificar a si mesmo: deve ser, como vimos, *Etão*.
- (10). — Onde encontraria apóio esta grafia? Se em grego o nome só tem um *s*, se o ditongo *ei* passa a *i*, em latim, e, consequentemente em português, e, se pertence ao nosso segundo grupo, conclui-se que devemos ter *Posidão* (ou *Posido*, em outra hipótese) mas jamais a forma do Dicionário. Mais econômico, o sr. Mansur Guérios escreveu com um só *s* (*Posseidon*) mas longe também de estar certo.
- (11). — O douto e saudoso dr. Aluísio de Faria Coimbra não era, entretanto, partidário desta vernaculização. Cf. *Três Estudos*, p. 26.
- (12). — *Vícios da Linguagem Médica*, 2a. ed., Lisboa, 1922.

cião, Agamenão, etc., etc. (Cf. respectivos verbetes). O ilustre dicionarista abandonou os clássicos, os bons autores modernos... e não ficou com o uso. Foi pena.

Considerando a terminação em português, podemos situar aqui o conhecido *odeón*, cuja legítima forma portuguesa é *odeu*, de *odeion*, de acôrdo com o que se dá com *museu*, de *museion*, *judeu*, de *ioudaion*, *liceu*, de *lykeion*, *peritoneu*, de *peritónaios* (para' êste cf. Pedro A. Pinto, *Dicion. de Têrmos Médicos*) (13), e para os demais Dr. José Inês Louro, *Questões* [(14), p. 135]. Devemos dizer que Louro não admite a forma *odeão*. Somos de opinião contrária, defendendo, aliás, o ponto de vista do princípio. A forma *odeón* é francesa e, tendo chegado por esta via ao português, assim a escrevemos e pronunciamos. Que nos resta fazer, se outra solução não existe? Aportuguesá-la. Como? Para *odeão*.

4. — O *Dicionário* registra duas formas diferentes para nomes cuja origem é paralela: *Alcmano*, "do gr. *Alkmán*, pelo lat. *Alcman*, com adaptação de desinência." *Titã*: "do gr. *Titán* pelo lat. *Titán*." O sr. prof. deveria ter escrito ou *Titão* e *Alcmão* ou *Titã* e *Alcmã*, que são as formas aceitáveis. Da maneira como fêz não está bem.

Outros dois nomes de origem paralela foram registrados diferentemente: *Timóteo*, do grego *Timotheos*, lat. *Timotheu* e *Filoteu*, do gr. *Philotheos*; para êste não se consignou o latim. No mesmo caso está *Sositeu*. Pensamos que todos devem terminar com o ditongo *eu*. *Timolau* se registrou com *au* e não com *ao*.

Estão no caso também *Rodopis* e *Pelops*. Se ambas têm como segundo elemento o substantivo grego *ops*, uma ou outra, não está bem.

No mesmo caso se encontram, ainda, palavras da terceira declinação grega como *Corônis*, *Élida*, *Cólquida* e *Argólida*. Mas a primeira está consagrada pelo uso. Não fôsse assim e o *Dicionário* deveria ter registrado *Corônida* ou *Corônide*.

5. — O sr. prof. consigna o nome *Polinice* sem *s* e no mesmo vb. escreve *Etéocles*, e *Eurípedes*. Escreve ainda *Policrates*, *Laertes*, *Tucídides*, etc. Vê o sr. prof. que *Polinices* também faz jus à sibilante, conquanto na declinação grega só *Policrates* realmente lhe seja igual. Mas a analogia aqui é fato: o *s* é geral.

Quanto ao nome *Procusto*, do gr. *Procrustes*, pareceu-nos muito forçado o seu aportuguesamento, e a explicação dada, insatisfatória. Deveria ter registrado *Procustes* (com dissimilação ou não do *r*), que é a forma vernácula, como *Eurípedes*, *Tucídides*, *Praxíteles*, etc. O nome *Cinosargó*, por designar aldeia ou povo, e, a exemplo do registro de *Dardanos* e *Davos*, deveria estar no plu-

(13). — *Dicionário de Têrmos Médicos*, 5a. ed., Rio de Janeiro, 1949.

(14). — *Questões de Linguagem Técnica e Geral*. Pôrto, 1941.

ral. Preferimos, entretanto, a forma *Cinosargês*, isto é, com a mesma terminação que propomos para o anterior.

6. — Com referência aos nomes em *is*, podemos dividi-los em duas classes: os que naturalmente assim terminam ou deviam terminar e os que, já no vernáculo, têm aglutinada a palavra *polis*. Na primeira classe encontramos três palavras (entre outras, possivelmente) que destoam do conjunto. Grafou, de um lado, o sr. prof.: *Agis, Baucis, Dóris, Busiris* (dos quais não dá nenhum significado), *Sesostris, Nêmesis, Serapis, Tâmiris, Tetis, Páris, Alexis, Coronis*, etc. e de outro lado encontramos: *Caribde* (no vb. *Peloro* diz *Caribdis*), *Anábase* e *Anácarse*, com *e* final. Conquanto estas últimas se podem justificar, andou muito certo o egrégio mestre em preferir a terminação *is*, uma vez que os nomes próprios gregos assim terminados devem entrar em português pelo nominativo. Precavido, não se deixou conduzir pelo *Dicionário Português-Latim* de Saraiva que, dando genitivo *is* ou *idis*, ou ambos às vêzes a um nome, aporuguesa-o incoerentemente ora em *is*, ora em *ide*: cf. *Nemesis, Sesostris, Theógnis, Coronis*, etc. nos quais se nota o titubeio daquele dicionarista. Em *Anábase* talvez tenha preponderado o uso mas... em *Anácarse* e em *Caribde*?

Na segunda classe há os nomes que terminam pelo elemento *polis*. Registra o *Dicionário*: *Heliópolis, Mineópolis, Megalópolis, Anápolis, Paraisópolis, Petrópolis, Teresópolis*, mas *Hexápole, Sosípole, Calípole, Pentápole, Crisópole, Persépole, Decápole, Aerópole, Anfípole*, etc. Incoerência que não se justifica. E não falemos de *Nápoles*, meio têrmo entre ambas as grafias, *is* e *e*, e muito menos de *Filipópoli*, extremo de tôdas. No vb. *Parténope*, o *Dicionário* nos remete a *Nápolis* que não se encontra senão com *e* final. Aliás, no mesmo vb. *Parténope* aparecem ambas as grafias: *Nápoles* e *Nápolis*. Por outro lado, não chegamos a compreender a terminação de *Andrinopla*, (e a primeira nasal — ?) do grego *Adrianópolis*, através do lat. *Hadrianópole*, (também grafado *Adrianopole*, acrescentamos nós). Dizendo, embora, cidade da Turquia, tudo indica que a explicação dada seja para culminar na forma portuguesa. Mas se assim realmente fôr, *Andrinopla* não tem razão de ser. Devia ser *Andrinópolis*, como as demais terminadas em *polis*, uma vez que em nada diverge destas.

7. — O sr. prof. Nascentes não registrou *Hiágnis, Mimmermo* e é doloroso que de *Calino* tenha feito um nome tão recente, tendo se esquecido do “mais antigo poeta” elegíaco grego que se situa no 8.º século a. C.

8. — Nomes de ilhas e cidades gregas, o sr. prof. Nascentes os escreve quase sempre com a terminação *os*, com o que estamos plenamente de acôrdo. Por analogia com alguns antrôponimos, também de origem grega [*Píndaro, Arquíloco, Calino, Trip-*

tólemo, Tíndaro, Trismegisto, Cassiodoro, Demódoco, etc.] (15) há aquêles que, como o prof. Martins de Aguiar e Louro são defensores da grafia dos referidos nomes sem o *s*. Lêem-se no *Dicionário, Andros, Patmos, Tênedos, Quios, Naxos, Paros, Telos, Pilos, Delos, etc* Mas vê-se *Amorgo*. Íamos supor erro tipográfico mas outros nomes assim grafados poderão existir na obra. Por outro lado, havendo partidários de ambas as doutrinas, apelamos para a incoerência.

9. — O nome *Deidamia* deveria ter, como é natural, o ditongo reduzido ao simples *i*. Pior do que isso, porém, é o registro de *Héfaistos*, grafia bárbara que não pertence a nenhuma língua. Por que o sr. prof. Nascentes não o aportuguesou para a única forma possível e que é *Hefesto*? Do grego *Hephaistion*, através do lat. *Hephaestion*, menos mal registrou o ilustre dicionarista a forma *Hefestion* mas não ficou bem a terminação.

10. — Se o sr. prof. Nascentes escreve *Ajax, Polux, Astianax*, (não consigna *Hermesianax*) por outro lado escreve *Hiponacte*. Confusão de método. Aquelas estão bem. Esta se sustenta por dois minutos.

11. — Incluímos neste parágrafo assunto vário: a) pensamos que a forma *Plantagenetes*, em lugar de *Plantageneta* (*s*), não tem fôro vernáculo, se provém de *planta genistae*; b) Entre *Elisabet* (que não é latim, nem português, nem inglês, nem francês) e *Nazaré*, claro, esta é preferível; c) no decorrer da explicação de diversas palavras (cf. *Dédalo, Demeter, Pelasgos, Peloponeso, Pafos, Epifania, Europa, Filipopoli, Filis, Antipole, etc.*) o sr. prof. Nascentes cita frases em grego ou em latim sem a respectiva tradução. Ora, êste Dicionário não foge à regra comum de ser elemento de consulta para todos em geral, eruditos ou não. Julgamos por isso de tôda a conveniência a tradução de qualquer citação feita naquelas línguas: d) no vb. *Posilipo* está certo o significado da palavra: “o que faz cessar a dor.” A explicação dos seus elementos componentes, porém, entra em choque com aquêle significado: “*paúo*, cessar, *lípe*, dor.” Não. O verbo *paúo*, na voz ativa, tem o sentido factitivo, *fazer cessar*. A voz média é que tem o sentido de *cessar*. Não sendo assim, há desencontro entre uma e outra parte do ensino.

Aqui ficam estas modestas observações, esperando que outros as aprofundem para bem do vernáculo que está realmente a exigir *stricta* colaboração de todos os que amam êste grande

---

(15). — Os antropônimos são assim registrados no *Dicionário*. Logo não há razão para o sr. prof. Nascentes dar duas terminações a alguns nomes e dizer *Nicodemo* ou *Nicodemos*. Poder-se-ia limitar à primeira no verbete incluindo a segunda como explicação.

país. O *Dicionário* é fonte comum para todos nós. E' dever de todos, pois, contribuir cada um com seu pouco para aprimorá-lo o mais possível.

**JOSE' LAZZARINI JÚNIOR.**

Assistente da Cadeira de Língua e Literatura Grega da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.